

Testemunhar Jesus, fazer algo pelos outros em seu nome, é dizer nas entrelinhas da vida que se recebeu um dom tão bonito que nenhuma palavra é suficiente para o expressar. Ao contrário, quando falta alegria, o Evangelho não passa, pois ele – como a própria palavra o diz – é bom anúncio, e Evangelho quer dizer bom anúncio, anúncio de alegria.

Papa Francisco, *Audiência geral*, 25 de janeiro de 2023.



Boletim de Espiritualidade

1 MARÇO 2023
Ano X Nº 105

105



Agenda março 2023

- 3 **Fátima** (Santuário) – Lectio Divina (*Domingo*)
- 3 a 5 **Avessadas** – Retiro quaresmal – P. Noé Martins
- 3 a 5 **Braga** (Casa de Soutelo) – Eneagrama II
- 3 a 5 **Braga** (Casa de Soutelo) – O conflito como oportunidade
- 3 a 5 **Braga** (Casa de Soutelo) – Teatro com Deus
- 3 a 5 **Fátima** (Santuário) – Retiro de Quaresma: *Pelo Espírito ao deserto*
- 4 **Aveiro** (Seminário) – Jornada: *Famílias Hoje – Que desafios para a pastoral?*
- 5 **Lourinhã** (Casa do Oeste) – Acção Católica: *Caminhar Juntos*
- 5 **Algarve** (S. Lourenço do Palmeiral) – Dia de retiro e formação espiritual para professores católicos
- 6 **Viana do Castelo** (Carmo) – Encontro bíblico
- 6 **Fátima** (Santuário) – Recolecção – P. José Augusto Leitão
- 6 a 25 **V. N. Gaia** (Redentoristas) – Curso: “Ó Beleza tão antiga e tão nova!” – intuições da História da Arte para a Teologia
- 8 **Carregosa** (Centro paroquial) – Formação: *A Eucaristia na dogmática* – P. Júlio Dinis Lobo
- 8 **Lisboa** (Santa Joana Princesa) – Serão jovem: *Como é que o cristianismo chegou até nós*
- 9 **Online** – Curso Bíblico – P. Armindo Vaz, ocd
- 10 **Fátima** (Santuário) – Lectio Divina (*Domingo*)
- 10 a 12 **Fátima** (Vicentinas) – Retiro – P. Bruno Cunha, CM
- 12 a 19 **Ávila** (CITes) – Curso de liturgia: *A fonte que mana e corre* –
- 16 a 19 **Algarve** (S. Lourenço do Palmeiral) – Exercícios Espirituais para empresários e gestores
- 17 **Fátima** (Santuário) – Lectio Divina (*Domingo*)
- 17 a 19 **Fátima** (Domus Carmeli) – Retiro quaresmal da Escola de Oração
- 18 **Online** – De Vésperas com São José – Isabela Neves
- 18 **Braga** (Carmo) – Encontros com a Palavra (reflexão, diálogo e oração) – Fr. Francisco Maria

- 21 **Lisboa** (S. Joana Princesa) – *Encontros sobre Bento XVI* – Aura Miguel
- 23 **Online** – Curso Bíblico – P. Armindo Vaz, ocd
- 24 **Fátima** (Santuário) – Lectio Divina (*Domingo*)
- 25 **Viana do Castelo** (Carmo) – II Jornada Pastoral com Teresinha do Menino Jesus: *O pequeno caminho de confiança* – Fr. Francisco, ocd
- 31 **Fátima** (Santuário) – Lectio Divina (*Domingo*)
- 31 a 2abr **Fátima** (Domus Carmeli) – XXIV RUMOS

Agenda abril 2023

- 1 e 2 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais
- 3 **Viana do Castelo** (Carmo) – Encontro bíblico
- 3 **Fátima** (Santuário) – Recolecção – José Pinto
- 13 a 16 **Braga** (Casa de Soutelo) – O relógio da família
- 13 a 16 **Algarve** (S. Lourenço do Palmeiral) – Exercícios Espirituais
- 14 a 16 **Braga** (Casa de Soutelo) – Como ganhar a vida sem perder a sua alma
- 12 **V. N. Gaia** (Redentoristas) – Curso: *Ainda faz sentido falar em “Ressurreição”?*
- 15 **Braga** (Carmo) – Encontros com a Palavra (reflexão, diálogo e oração) – Fr. Francisco Maria
- 19 **Carregosa** (Centro paroquial) – Formação: *Uma visão mistagógica da Liturgia da Palavra* – P. Nuno Pereira
- 20 a 23 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais
- 21 **Fátima** (Santuário) – Lectio Divina (*Domingo*)
- 21 a 23 **Braga** (Casa de Soutelo) – Uma pausa para contemplar e orar com a criação
- 21 a 25 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais
- 21 a 29 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais
- 22 a 23 **Braga** (Casa de Soutelo) – Fim de semana para noivos
- 22 **Viana do Castelo** (Carmo) – Retiro de Tempo Pascal: *Tempo de misericórdia* – Fr. Marco, ocd
- 28 **Fátima** (Santuário) – Lectio Divina (*Domingo*)
- 27 a 1mai **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais

«Que mal fizeram os turcos a Deus?»

Armindo Vaz, OCD

Aquando do terramoto na Turquia em Agosto de 1999, que causou mais de 17 mil mortos, alguém fez nos meios de comunicação social esta pergunta: «Que mal fizeram os turcos a Deus?» Há mais de 23 anos. Mas a tentação de explicar o mal associando-o a um castigo de Deus não terá mudado muito. Sempre houve dificuldades para lidar com o mal moral: apesar de ser o verdadeiro mal, cometido livremente por humanos em desconformidade comportamental com a ordem moral, os crentes rezavam para que Deus varresse as injustiças sociais, violência, guerras e agressões degradantes da dignidade da pessoa. Mas também há dificuldades para integrar na vida o mal físico, natural, psíquico, sofrido. Diante dele, crentes e descrentes, por razões diferentes, aliviam-se psicologicamente com uma interpretação religiosa. Ligam a Deus a dor que não provém da responsabilidade mas da condição humana (como as doenças) e de catástrofes naturais, como terremotos, inundações, erupções vulcânicas destruidoras, acidentes: censuram-no por não a evitar, invocam-no para que a evite. Também agora naquela noite trágica do sismo de 6 de Fevereiro de 2023 bons crentes terão sentido resignação à vontade de Deus, pensando que o mundo é pecador e precisa de se purificar...

Esta associação, ao mesmo tempo que perturbadora e labiríntica, tem várias linhas rectas interrogativas: Que tem Deus a ver com o mal? Causa-o? Quere-o? Permite-o? Livra-nos dele? Pode livrar-nos dele? As diversas respostas a estas perguntas dependem da imagem de Deus que a espiritualidade forjar e contribuem para uma imagem coerente ou inaceitável de Deus; jogam com vários atributos de Deus, com o da sua onipotência, o da bondade, o de Deus criador...

Uma forma de enfrentar o problema do mal em associação com Deus foi, já desde o filósofo Epicuro (341-270 a.C.), lançar este desafio em jeito de dilema: ou Deus pode mas não quer evitar o mal (e então não é bom) ou quer mas não pode (e então não é onipotente) (*Epicurea* [ed. H. Usener] Leipzig 1887, n.º 374). Este dilema levantava um problema humano, mas fazia de Deus um dos termos do problema: degradava Deus, não respeitando o mistério da sua transcendência e não explicando o que ele entendia com o «não pode» e «não quer».

Se o que dizemos de Deus fica sempre aquém daquilo que Ele é realmente, qualquer afirmação sobre Ele terá de ser *coerente* com as outras: na plenitude da revelação cristã não podemos dizer, por um lado, que Deus é bom, amoroso, e, por outro, que castiga ou não quer evitar o mal. Não podemos construir expressões da *fé* em Deus que sejam *incríveis*. A coerência interna delas requer que se reveja e se limpe a imagem de Deus e a sua acção no mundo. Deus só quer – sempre – o bem e nunca quer o mal para qualquer ser humano. As incoerências na meditação que associa Deus ao mal devem-se em boa medida à pressuposição de que a fé quer dar – ou deveria dar – a explicação da causa física e material do mal, argumentando, por exemplo, que, se Deus é o criador do mundo, é o responsável pelos mais de 50 mil mortos que o terramoto de Fevereiro de 2023



fez na Turquia-Síria. Na realidade, as afirmações bíblicas que relacionam Deus com o mal físico são uma meditação religiosa que não atende à sua origem fenoménica e à trama das causas objectivas que contribuem para o desencadear do terramoto (que compete às ciências). Como a fé em Deus criador de tudo, expressão suprema da sua onipotência, não atende ao acontecido fisicamente mas vê as coisas em Deus e à luz de Deus, assim quando a fé associa Deus a um terramoto mortífero não põe a questão dos agentes físicos, nem diz que Deus é um deles: interroga-se junto de Deus sobre esses fenómenos naturais, procurando dar-lhes sentido. E se reza pelos mortos do terramoto, é consciente de que a sua causa real tem a ver com as leis da natureza e não com Deus. Assim procedeu Jesus perante situação análoga. O acidente dos dezoito que morreram com o desabar da torre de Siloé serviu-lhe para corrigir a mentalidade que via as desgraças humanas como consequência do pecado: “julgais que eles eram mais culpados do que todas as pessoas que habitavam em Jerusalém? Não, digo-vos. E, se não vos converterdes, perecereis todos de modo semelhante” (Lc 13,4-5). Jesus demarcou-se dessa visão religiosa: não há relação directa entre culpa moral e calamidade. Tirava assim o mordente fatalista ao mal físico e explorava-o antropologicamente acentuando o convite ao arrependimento e à conversão ao bem: “se não vos converterdes...”.

Aliás, *mal* é noção relativa: é privação do bem devido à intrínseca natureza de um ser ou que faz falta a um ser para ser o que é. Logo, do ponto de vista natural o terramoto não é um mal: são as placas tectónicas a estabilizarem a Terra. Já o de Lisboa em 1755 suscitara um aceso debate no mundo ocidental sobre a providência divina e a *ira de Deus*, procurando culpados para a tragédia. E já então as grandes mentes da época (Kant, Voltaire, Rousseau, Leibniz...), suscitando um dos mais vivos debates filosóficos da História, se sentiram convocadas para a reflexão à volta da catástrofe, desligando-a da vingança de Deus pelos vícios da cidade.

Podemos, pois, pensar: os turcos não fizeram mal a Deus; e Deus não fez agora nenhum mal aos turcos e aos sírios quando a sua terra tremeu. Onde estava Deus então? Estava lá, a sofrer com as vítimas e a acolhê-las no seu colo de Pai.

Retiro: Pelo Espírito ao deserto

Fátima, 3 a 5 de março de 2023



O Santuário de Fátima, através Departamento de Acolhimento e Pastoral, no âmbito da Escola do Santuário, vai dinamizar um retiro de Quaresma sob o tema: "Pelo Espírito ao deserto", que pretende oferecer um "itinerário para converter o coração e a vida. A proposta, "é um convite a rezar a vida, a deixar-se conduzir como Jesus pelo Espírito ao deserto, para aí, na companhia de Maria, centrar a vida em Deus e deixar que Ele a transfigure à luz da Páscoa".

Mística e Místicos

Fátima, 28 a 30 de abril de 2023



O tema da mística apresenta uma enorme relevância na vida espiritual do ser humano, mas a sua compreensão é frequentemente equivocada e obscura. É sob este propósito que os Carmelitas Descalços vão promover um curso de "Introdução à Mística e aos Místicos", realizado no âmbito da mística cristã, e pretende ajudar os participantes a compreender melhor o que é a mística verdadeira, a sua relação com a vida espiritual e as suas características principais. «Partindo da experiência de Deus feita por aqueles que nos precederam, narradas na Bíblia e ao longo da História do Cristianismo, aprendendo a interpretá-las e percebendo melhor como é o ser humano na dimensão mística da sua existência, poderemos compreender melhor a nossa própria experiência do Mistério e perspetivar o itinerário espiritual a percorrer», refere a organização. Os dois módulos programados ocorrerão nos fins de semana de 28 a 30 de abril e 16 a 18 de junho de 2023.

Rumos: encontro para jovens

31 de março a 2 de abril de 2023



No fim de semana de 31 de março a 2 de abril de 2023, realiza-se mais um encontro do *Rumos*, na Domus Carmeli, em Fátima. *Rumos* são encontros vocacionais destinados a jovens que pretendam discernir, clarificar ou confirmar a sua vocação, seja ela para a vida laical, matrimonial, sacerdotal ou consagrada. São orientados por dois casais, dois sacerdotes e dois consagrados que apresentarão um conjunto de reflexões e pistas de trabalho para que os jovens se possam questionar e descobrir o que é que Deus espera deles. Além destes encontros, depois, cada jovem pode escolher um casal dos carmelitas seculares, um padre ou uma irmã carmelitas para serem acompanhados pessoalmente.

Entre o Claustro e o Palácio: D. Fr. Inácio de São Caetano, carmelita descalço (1718-1788)

Francisco Maria Braguês, ocd



Frei Francisco Maria, acaba de publicar o livro sobre a vida e a obra de D. Fr. Inácio de São Caetano (1718-1788), um carmelita descalço que desempenhou um importante papel no decurso histórico de Portugal em Setecentos, bem como no seio da Ordem dos Carmelitas Descalços. Este trabalho apresenta o percurso biográfico desta figura, desde o seu nascimento em Chaves, passando por Braga e por Lisboa, até à Corte portuguesa, onde desempenhou a função de confessor da Princesa do Brasil e futura rainha D. Maria.

Publicação: Paulinas editora

claustrO

Embalado pelo vento da noética no crepúsculo da Vida.

«Somos alma e corpo, um corpo onde habita a alma (substância não física), ou uma alma como fenómeno neurobiológico, logo físico?» É com esta interrogação que Pedro Ventura, Sociólogo e Psicólogo, inicia a sua reflexão para nos falar do percurso da vida humana.

O fogo e o madeiro. Isabela Neves, Carmelita Secular, serve-se da imagem do fogo e do madeiro para nos dizer que «nem toda a mensagem, e menos ainda a mais sublime, a que nos fala das realidades mais elevadas, se pode dizer sem recurso a uma nova linguagem e, por vezes, sem recorrer ao paradoxo». De olhos postos em São João da Cruz, no processo doloroso da *noite escura*, ajuda-nos a empreender uma experiência espiritual necessária para que nos desprendamos de tudo aquilo que não é Deus.

Retiro Quaresmal

Avessadas, 3 a 5 de março de 2023

Retiro de Quaresma


3 a 5 mar 2023

ORDEM DOS CARMELITAS DESCALÇOS SECULARES

“Viver a quaresma ajudados pela Virgem Maria”

Orienta: Pe Nóe Martins, OCD


Os Carmelitas Descalços Seculares (OCDS) programaram para os dias 3 a 5 de março de 2023, no Santuário do Menino Jesus de Praga, em Avessadas, Marco de Canaveses, um retiro quaresmal aberto a todos os interessados.

O tema das meditações será sobre a espiritualidade quaresmal, ajudados pela Virgem Maria, que nos ensina a intensificar a nossa peregrinação de fé em fidelidade aos ensinamentos de seu Filho Jesus. Terá como orientador o P. Noé Martins, OCD. As inscrições podem ser feitas para o email: carmelosecular@carmelitas.pt, ou diretamente para a comunidade de Avessadas através do telefone 255 538 150. 

Escola de Oração: Retiro


Fátima, 17 a 19 de março de 2023



A Escola de Oração programou um fim de semana de retiro quaresmal para os dias 17 a 19 de março de 2023. Aberto a todos, este retiro pretende sobretudo ajudar os participantes da *Escola de Oração* a pôr em prática tudo quanto foram aprendendo ao longo das diferentes edições desta *Escola de Oração*, mas também está aberto a todos os que desejam aproveitar esta oportunidade de melhor se prepararem para a Páscoa do Senhor. Será orientado pelos Padres Joaquim Teixeira e Renato Pereira, que no contexto da celebração dos 150 anos do nascimento de Santa Teresa do Menino Jesus, se servirão dos seus escritos para inspirar as meditações deste tempo quaresmal. Para mais informações pode contactar a *Domus Carmeli*, em Fátima, pelo telefone 249 530 650, pelo email: domus@domuscarmeli.net ou preencha a sua inscrição: Formulário de Inscrição. 

Via Sacra com Edith Stein




As Edições Carmelo publicam agora a 3.ª edição deste pequeno livro, que pretende ajudar os leitores a meditar a paixão, morte e ressurreição Cristo, pela mão de Edith Stein, a filósofa judia convertida ao catolicismo, santa e padroeira da Europa, que aprofundou e viveu a “Ciência da Cruz” e que entregou a vida pela seu povo, morrendo no campo de concentração de Auschwitz. Este livro está disponível a partir do dia 3 de Março e pode ser encomendado em www.carmelo.pt. 

Encontro internacional de jovens carmelitas



Realiza-se em Fátima, no dia 31 de julho de 2023, o *Encontro Internacional de Jovens Carmelitas*. O convite é dirigido aos jovens de todo o mundo que, de alguma forma, estão ligados a família carmelita.

A iniciativa surge no contexto da JM2023 e tem como objetivo promover o encontro e a partilha dos jovens entre si e com o Padre Geral da nossa família religiosa, para que possam fazer a experiência da riqueza do carisma carmelita e da dimensão universal da família. 

MÍSTICA E MÍSTICOS

Introdução

DOIS MÓDULOS

28 a 30 de abril 2023

16 a 18 junho 2023

AULAS | WORKSHOPS | ORAÇÃO



ORDEM DOS
CARMELITAS
DESCALÇOS



Informações | Inscrições

www.mistica.carmelitas.pt

DOMUS CARMELI

Rua Imaculado Coração de Maria, 17

2495-441 - FÁTIMA

Contacto: 249 530 650

domus@domuscarmeli.net

Uma história de uma alma*

Frei Francisco Maria Braguês, OCD

O ser humano é mistério. Aproximarmo-nos de uma figura maior é sempre uma ousada ousadia. Cada pessoa tem sempre uma história para contar. E que terá a dizer-nos uma jovem francesa que viveu apenas 24 anos? Atrevamo-nos, pois, a acercarmo-nos à vida de Teresa do Menino Jesus.

Maria Francisca Teresa Martin Guérin nasceu em Alençon, França, a 2 de janeiro de 1873. Foi a última dos nove filhos de Luís Martin e de Zélia Guerin, canonizados no dia 18 de outubro de 2015 pelo Papa Francisco. Dos nove filhos sobreviveram cinco meninas: Maria, Paulina, Leónia, Celina e Teresa. Todas entraram na vida religiosa.

Os primeiros anos de vida de Teresinha foram muito felizes. Tal felicidade foi quebrada pela morte da mãe em 1877, vítima de um cancro, quando tinha quatro anos. A morte prematura da mãe afetou profundamente a personalidade da jovem. Apesar da ternura que recebia da sua família, em especial do pai e das irmãs, a até ali cheia de vida tornou-se menina tímida, muito calada e tremendamente sensível.

Após a morte de Zélia, os Martin mudaram-se para os *Buissonnets*, em Lisieux. Teresinha confessará que nesta casa foi verdadeiramente feliz, recordando-a sempre, carinhosamente, como o «doce ninho de infância».

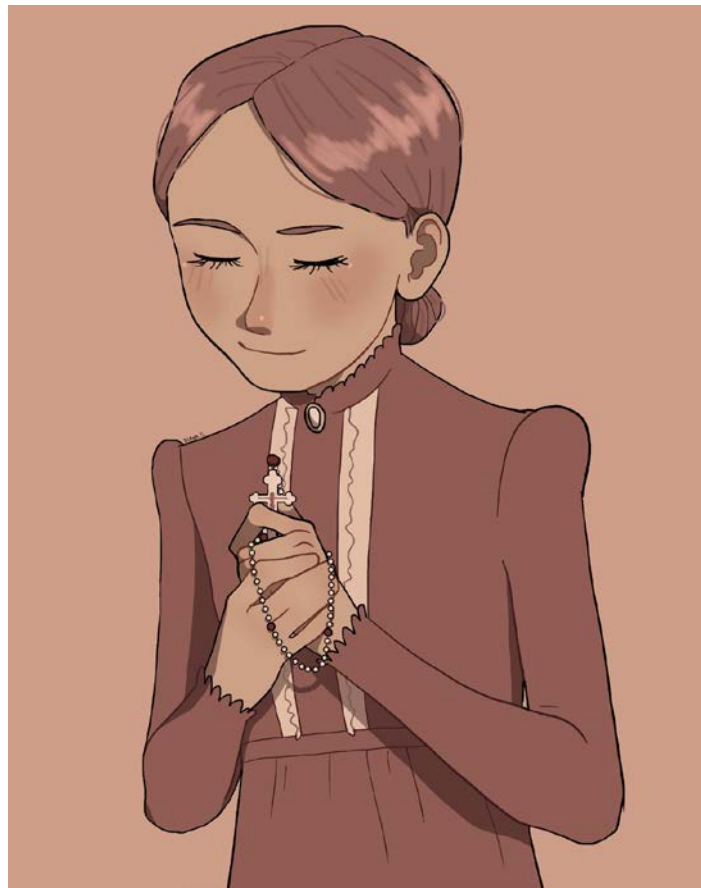
Em 1882, Paulina, a irmã mais velha, que Teresinha tomara por mãe, entrou no Carmelo de Lisieux. A decisão provocou-lhe um duro sentimento de perda. Assaltada por uma doença estranha, curar-se-ia, pelo sorriso de uma imagem da Virgem Maria!

Entre as suas muitas ternas recordações está a do dia da sua Primeira Comunhão. Compreende-se: no século XIX, comungar não era como hoje. Tratava-se de uma conquista que não era alcançada por todos, devido ao moralismo escrupuloso que marcava a época.

No Natal de 1886, dois meses depois da entrada no mesmo Carmelo de Lisieux da sua irmã Maria, Teresa recebeu a graça especial da sua conversão: nessa noite, ultrapassou a hipersensibilidade que a marcava há tantos anos.

Havia muito que a filha mais nova de Zélia e Luís Martin desejava entrar, também ela, no Carmelo. Após receber a autorização paterna, em 1887, devido à sua parca idade, pediu em Roma, a Leão XIII, uma autorização especial para poder ingressar no claustro carmelita. E foi assim que, em 1888, a jovem consumou o seu desejo: entrar no Carmelo de Lisieux, onde professa com o nome religioso de Teresa do Menino Jesus. Mais tarde acrescentaria «e da Santa Face», aquando da doença psiquiátrica que tanto fez sofrer o seu pai.

Dentro do Carmelo, foi formadora das jovens religiosas. Além disso, correspondeu-se com dois missionários, criando uma relação profunda de amizade e de acompanhamento espiritual. Teresa sentia dentro de si ardentes desejos missionários, e rezava muito por todos aqueles que saíam para os lugares mais inóspitos para anunciar o Evangelho. E assim, desde dentro da clausura, a jovem



carmelita tornou-se uma missionária pela sua vida de oração. Foi, por isso, declarada pela Igreja Padroeira das Missões juntamente com São Francisco Xavier.

A 30 de setembro de 1897, com apenas 24 anos de idade, morreu vítima de tuberculose. Foi beatificada a 29 de abril de 1923 e canonizada no dia 17 de maio de 1925 pelo Papa Pio XI. A 19 de outubro de 1997 foi proclamada Doutora da Igreja por São João Paulo II. A Igreja e todo o mundo recordam-na de forma especial no dia 1 de outubro.

Dela conservamos vários escritos autobiográficos, publicados e difundidos logo após a sua morte com o nome *História de uma Alma*. Traduzidos em variadas línguas e espalhados por todo o mundo, os escritos da jovem carmelita francesa são, ainda hoje, largamente lidos e conhecidos.

A sua grande descoberta foi a do rosto misericordioso de Deus, em contraste com o que naquele final de século a Igreja apregoava: um Deus justiceiro e condenador. Em sua oração, Teresa, a pequena, descobriu que Deus é misericórdia, e a nossa relação com Ele há de ser como a de pai e filho. E assim, a alegria – e não o medo – deve marcar a nossa vida. Mereceu, em consequência ser reconhecida como doutora da ciência do amor, pela revolução espiritual que propôs à sua época.

A sua vida foi um louvor e um oferecimento ao amor misericordioso de Deus, por isso proponho a escuta de *Ma joie* de Sylvie Buisset:

<https://www.youtube.com/watch?v=by0kr6oQ0rc>.

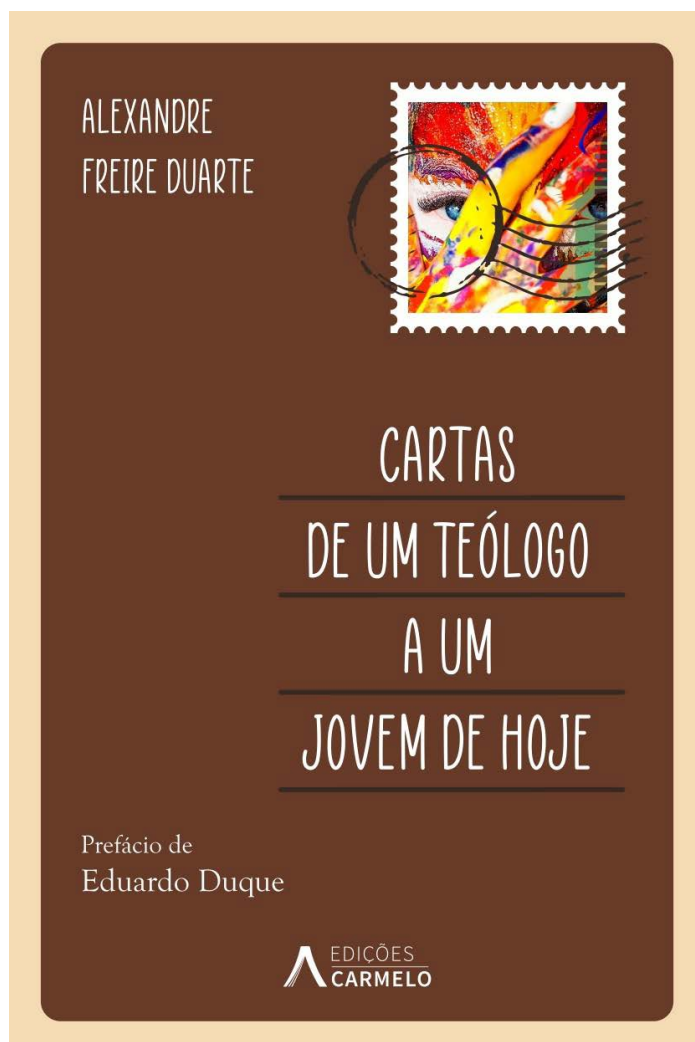
* Publicado no Diário do Minho de 2 fevereiro 2023

CARTAS DE UM TEÓLOGO A UM JOVEM DE HOJE

Os jovens procuram, questionam-se e questionam-nos com perguntas difíceis, sobretudo com temas relacionados com a fé cristã, a moral e a religião. O teólogo Alexandre Freire Duarte, experimentado no diálogo com os seus jovens alunos, aventurou-se a responder-lhes por escrito. Como afirma Eduardo Duque, no prefácio deste livro, "estas *Cartas* ajudam a olhar para dentro da pessoa, a conhecer os seus limites e desejos; ajudam a dar nomes aos fracassos, a interpretá-los e a conviver com eles; ajudam a descobrir os sentimentos produzidos que se vivem quando se fazem *experiências radicais* e ajudam a descobrir o *sentido* mais profundo da vida. Porém, estas *Cartas*, lidas assim, poderiam ser entendidas como mais um livro de autoajuda e desenvolvimento pessoal e, possivelmente, também o poderão ser, mas a sua grande diferença para com a maior parte desses livros, a sua grande virtude, é a largueza oceânica em que todos os diálogos se ancoram, que é em Cristo.

Digamo-lo claramente e sem medo: o autor destas *Cartas* encostou os seus ouvidos ao chão e ouviu os gritos de muitos dos jovens a clamar por um *sentido de vida*, por um mundo melhor e mais justo, mas não enveredou por diálogos *nihilistas*, que não se sentem determinados por nada, a não ser pela sua própria vontade autónoma, nem fundamentou os seus diálogos numa interpretação sentimental do amor e da compaixão de Cristo separada da verdade, mas mostrou, através de histórias com lições de vida, que o amor e a compaixão verdadeiros implicam e comprometem radicalmente a pessoa, precisamente porque são inseparáveis da verdade, que é a única, como refere S. João, que nos torna livres."

Este livro é lançado pelas Edições Carmelo no próximo dia 7 de março. Pode encomendá-lo em www.carmelo.pt



WWW.CARMELO.PT

Edições Carmelo

Avenida Santuário do Menino Jesus de Praga, 2802
4630-001 Avesadas – Marco de Canaveses (Portugal)
+351 255 531 354

Como rezar Missa neste Domingo?

Frei João Costa, OCD



1. Confesso, não nego: por estes dias subo a custo ao altar. Subo com fome e com sede; subo por obrigação; subo porque prometi ao bispo que me ordenou ali subir todos os dias; subo porque sei que aquela fresca fonte de graça não pode nunca deixar de correr e derramar-se, e que por mais que se derrame nunca se esvai; subo porque o Senhor prometeu estar todos os dias connosco: todos os dias é também nos dias maus, duros, difíceis, depressivos, de vergonha, indignidade e vilipêndio; subo porque todos os dias a minha mãe, cansada ou não, mais feliz ou mais desanimada, me sentou ao seu colo ou me pôs à mesa, me animou a comer, me fortaleceu, me ajudou a crescer; porque todos os dias, algures, alguém depois de um pequenino diálogo em que me responde «Ámen», abertas me estende as mãos famintas, trémulas, peregrinas, quando não, exangues...

2. Digo a verdade, não minto. Ao longo desta semana (12-18.02.2023) que não quero esquecer, que não posso esquecer, que nós, católicos, enquanto comunidade, não poderemos jamais esquecer, vexado, muito me custou revestir-me de alva, estola e casula, erguer as mãos e o coração e rezar missa.

(É certo que a sorte me fez calhar rezar em um mosteiro, a recato; mas ainda assim... custou!)

Ao longo desses longos dias, a cada dois matutinos passos que dava rumo ao altar, desde o fundo de mim, minha alma perguntava-me: João, como se reza, como se pode rezar depois do Relatório Final? Como podes tu rezar?

(Na quinta-feira cruzei-me com um pároco e expus-lhe o meu desassossego, a humilhação que comungamos e a mim me fere como afiado canivete, me esmurra e me perturba por causa de tanta dor, de tanto silêncio cobarde, tanto crime, tanta insensatez, tanta palavra que quer sair e não me sai para nomear algo que de momento me é inominável. Pergunto-lhe. Responde-me: «Frei, nem

tempo tive para pensar nisso. Esta semana celebrei todos dias quatro missas: duas de agenda, e dois funerais em cada dia.

Não me pude dar ao luxo de pensar! Tive de substituir colegas, de ir à luta num corre-corre sem parar; de ir a reuniões para aqui, reuniões para ali. Reuniões com padres, reuniões, com leigos, reuniões com pais. Nem pensei, nem deu para pensar...».

Eu que parado estou, olho-me e verifico que ainda fiquei pior com a resposta, mais negro, mais inseguro, mais perturbado. À mesa viro-me para o lado e aferro os meus, pergunto-lhes o mesmo, mas eles choram como eu a violência, o abuso, a vergonha, o indiscreto.

3. E é assim que acabo sentando frente a esta alva folha de papel. É assim que celebro dia em pós dia, uma missa, tão só uma, uma missa de reparação e de justiça, e de confiança no perdão e na misericórdia, apesar de também Deus ter sido violado em cada menino, em cada menina! No corpo e na alma de cada menino e cada menina! Meu Deus...

Sim, houve crianças violadas, não nego, não podemos negar, não queremos ignorar. Tinham nomes, vidas a florir, pais e avós que confiavam, irmãos e amigos. Não, não podemos negar, não podemos esquecer. Não podemos negar. Não podemos esquecer.

Não podemos negar a tragédia, o ultraje! As lágrimas, a noite! O medo, o terror, a depressão!

Que horror, que sufoco! Tanto sofrimento imerecido, tanto futuro truncado, tanta consciência humilhada, tanto sem-sentido! Tanto...

Não sei que diga, não sei bem o que digo. Olho para um lado, olho para outro, olho para dentro de mim, olho em redor, hesito buscar uma balança que sopesse palavras como: «confiança», «alegria», «meninice», «amor», «ternura», «amigo», «crescer», «vida», «Jesus», «catequese», «Missa»...

4. É óbvio que rezo pelas vítimas, pelos meninos, pelas meninas, pelas famílias, por mim que sou vítima, por nós todos que somos vítimas, pelos abusadores que o são também – ok, aceito que discordem... – pela Igreja Católica, por Francisco, pelas famílias, pela sociedade...

(Estou com falta de fé, Senhor!) Rezo e não sei se nisto Deus me ouve, se me compreende, se me acha digno de eu Lhe rezar – mas tens de ouvir-me, meu Deus, tens de ouvir-me, rezo-Lhe, peço-Lhe, imploro-Lhe. Senão, que vai ser de nós? Que vai ser de nós, e como iremos erguer-nos? –; e o que é pior: como se diz às vítimas (e não, não penso agora em mim...) que Deus as ouve e as atende, as acolhe e abraça, quando foram, precisamente, os Seus mais lustrosos servos, os sacerdotes, que mais indignos delas e dEle se mostraram?

5. É óbvio que este texto não fala de mim, mas da perplexidade de toda a comunidade católica que se viu enxovalhada, humilhada pela violência e pela indignidade de alguns dos seus clérigos, e agora se vê sob o estrépito escarninho dos seus inimigos – e não digo ou nego que não tenham razão!

6. Como fazer? Como levantar-nos? Para onde erguer o olhar? Onde pousar a cabeça, onde sossegar o coração? Meu Deus... por onde andais?

Na oração para meus adentros, peço lágrimas, oro por lágrimas; das que molhem e reguem por fora, que as de sangue jorram-me pelo esfacelado do lado de dentro. Lave-se-nos a alma, oro, com água e com sangue, sangue do nosso, água dos nossos olhos. E não bastará. Não bastará. Não bastará.

7. Ouvi dizer que alhures querem erguer um monumento às vítimas, um monumento que perpetue a nossa vergonha. Não sei se é verdade, se li bem; se sim, até me parece que possa fazer sentido. Será mais um para apodrecer, é certo, mas enquanto de todo não caia, não serei eu a lamentar um dedo que se nos aponte e nos denuncie a abominação de que somos autores e responsáveis, e continuamente nos recorde os crimes e os vexames por nós semeados. Não, não o lamentarei jamais...

Tenho, porém, por mais certo, que o reconhecimento de tanto sofrimento injusta e criminosamente provocado tem de dar-se; disso não duvido. Ou ninguém se curará. O que não sei é quais possam ser os tempos e os movimentos, mas lá que tem de dar-se, isso tem. Não duvido que a comunidade tem de confrontar-se com tal imerecida e iníqua montanha que alguns, injusta e *sisificamente* carregam desde a mais tenra infância; tal como não duvido que em algum lugar tem de abrir-se uma porta que possa dar para um canal de graça e de perdão, para a serenidade de uma eira onde vítimas e agressores possam encontrar-se, e mirar-se olhos nos olhos, a fim de que elas possam falar e eles ouvir.

E se as exauridas vítimas puderem perdoar, tanto melhor.

8. Na próxima quarta-feira iniciaremos a Quaresma. Nesta hora em que a iniquidade se multiplica e medra em terreiro que deveria ser jardim e paraíso, ajoelho-me, prostro-me e humilho-me também eu porque o amor parece

ter esfriado; e oro em prece confusa e sem palavras, para que jamais ele esmaeça ou se apague do coração de Deus; e para que nos queime e nos purifique, e nos dê novas ocasiões para recomeçarmos a amar como convém. A servir como convém. A ouvir como convém. A sarar como convém. A cuidar como convém.

Sim, sem pejo nem medo, quarta-feira também eu enfarruscarei a cabeça de cinza, sinalizarei o opróbrio em plena igreja, comerei pão de cinza e beberei do cálice de lágrimas; que outro caminho para já não vejo. Não vejo, porque as feridas de tantas vítimas dos abusos de sacerdotes me ferem, nos ferem a todos, e por isso, por agora, só alcanço chorar a tristeza e a dor do meu povo ferido.

9. *Abaixa-nos e abate-nos, Senhor, e faz-nos entrar na Quaresma pelo pórtico da cinza, e seguir o caminho da penitência e da oração.*

Como eu gostaria, Senhor, de saber pedir-te o bálsamo que unge e cura as feridas do corpo e da alma do teu povo...

II

10. Vemos, ouvimos e lemos; e não podemos ignorar.

11. O que a seguir contarei não elide da nossa face e dos nossos corações católicos, e menos ainda dos dos agressores que temos entre nós, o negrume e a vergonha, e o dever de ouvir – e se possível cara a cara! –, e o da premência em pedir perdão às vítimas.

Esta emergência em contar o que a seguir contarei deve-se apenas ao facto de ter acontecido na semana da ignomínia católica em Portugal, que a todos nos toca, ao menos em tangência. O que conto nada elide, mas faz pensar.

Sei que, por me falharem alguns termos, não saberei contar bem o sucedido numa turna do Oitavo Ano. Ainda assim, conto-o.

Julgo saber que o Ministério da Educação promove – não saberei dizer desde quando, e quer-me parecer que de escola para escola o projeto muda de nome... – um projecto de educação para os valores; sei que antes tal sucedia nas aulas de Religião e Moral; hoje, porém, mantendo-se estas, acresceu-se aquela proposta que toca também os alunos que nada querem com as aulas de EMRC.

Pois, que *passou-se?*

Ora sucedeu que numa escola, uma educadora social a quem os alunos de 12,13,14 e 15 anos chamam 'Stôra e, mesmo em dia de greve, aguardam juntinhos e a pé firme que ela chegue para mais uma sessão, lhes propôs no encontro do dia 16 de fevereiro, quinta-feira, a seguinte dinâmica: a turma dividia-se em dois sub-grupos, e cada grupo escolhia um observador que registava as reflexões que sucederiam no interior do seu próprio grupo. A reflexão formalmente proposta foi: imaginai que, de repente, cada um de vós teria de fugir para um refúgio nuclear. Ora como no refúgio só cabem sete pessoas, de entre os doze

tipos de pessoas que a seguir se elencam, dizei as seis que levaríeis convosco e justificai.

(O universo de pessoas donde escolher as seis a entrar no refúgio, era: um poeta fanático; um físico de 28 anos que só aceita entrar se levar uma arma; uma prostituta; uma universitária de 18 anos celibatária; um sacerdote; um violinista; uma menina de 12 anos de baixo QI; um toxicodependente; um advogado com HIV; a mulher do advogado; um jornalista homicida; um homossexual; um intelectual epilético.)

Proposto o desafio, aqueles adolescentes atiraram-se com unhas e dentes ao debate durante uma hora. Não interessará aqui o resultado global, tão só que as pessoas doentes não foram consideradas elegíveis para o refúgio por, eventualmente, virem a dar muito trabalho, e por se temer que a mais que provável escassez de medicação viesse a limitar as possibilidades de sucesso daquela clausura. Entre os eleitos, porém, encontrava-se o sacerdote. Se, porém, a razão da sua eleição por ambos os grupos é meramente utilitária, o facto é que a sua presença é desejada; as justificações dadas foram as seguintes: *i)* a presença do sacerdote pode tranquilizar e trazer a paz ao grupo; *ii)* Consideramos que quem melhor é capaz de transformar as dificuldades em oportunidades é o sacerdote.

12. Que esta semana fica na história, fica. E o opróbrio que ela revelou terá de servir-nos para o nosso (v)exame de consciência; para a auto-acusação dos nossos pecados e crimes; e, parece-me também óbvio, que as linhas com que o futuro da nossa comunidade há-de coser-se têm de ser também estas.

Estes são dias negros sobre os quais brilha um sol de noite escura. Doa o que nos doer é de noite e é na noite que temos de abrir os olhos e lavar a alma. Não sei que

luz brilhe ou alumie a dura noite que sobre nós caiu e, por mim falo, nem sei se vejo ou se miro esperança, escolhos ou nevoeiros. Sinto o peso do gume negro da noite sobre o meu peito e não me bastam as histórias do Oitavo Ano. Ainda assim registo que alguns dos nossos meninos consideram que «*a presença do sacerdote pode tranquilizar e trazer a paz*». No contexto em que vivemos, tal não é tudo, mas já não é pouco. Porém, o que eu, desassossegada sentinela, mais imploro, é pelo anúncio do dia novo que o canto dos passarinhos anuncia; ah, e que venha a Luz, que venha a Luz e que de nós expulse as trevas.

13. Um último registo que, sinceramente, não sei se se passou naquela turma e naquela mesma sessão; mas passou-se no mesmo contexto das sessões para os valores. Um rapaz de quatorze anos assumiu-se católico e fez-se chacota. Perante a troça dos pares, não se intimidou e declarou:

— *Porque se riem de mim? Por eu ser católico? Eu sou católico, rezo em casa com a minha família e vou à paróquia ao domingo. Vou ao grupo de jovens, rezo sozinho e com os meus amigos católicos. Eu não tenho vergonha de ser católico!* (E a turma ria-se, mas já não toda. E ele continuou:)

— *Não, não vos levo a mal o vosso gozo. Não, nada. Só há uma coisa que eu não percebo: porque vos incomoda que eu seja católico? É que a mim não incomoda nada que algum de vós seja hindu, judeu, muçulmano ou ateu, porque vós sois meus amigos. Não me importa se rezais ou não; ou se rezais a este ou aquele deus. Não me preocupa como sois, eu só quero amigos que possam respeitar-me tal como sou: um católico fiel ao Papa, e que reza!*

14. É também pelos valentes Tarcísios de hoje que eu choro e me minguo. Eles não merecem que o trapo do opróbrio da noite caia sobre o seu rosto.

De Vésperas com...

São José: 18 de março de 2023



Ao aproximar-se a Solenidade de São José, esposo da Virgem santa Maria, a Ordem Carmelita quer celebrar com toda a família esta festa litúrgica. Além das celebrações litúrgicas, também haverá no dia 18 de março, pelas 21h30, uma transmissão online com um momento mais formativo a cargo de Isabela Neves. Será transmitido nas diferentes plataformas da Ordem os Carmelitas em Portugal. Como vem sendo hábito, esta atividade pretende dar a conhecer e celebrar as festas litúrgicas dos santos carmelitas e suas figuras de referência, como a Virgem Maria e São José. Os Carmelitas Descalços irão continuar a apresentar, ao longo do ano pastoral, uma comunicação, via *online*, na véspera da solenidade, festa ou memória do respetivo santo, assinalado pelo calendário litúrgico. Este tema alusivo a cada santo terá a duração de cerca de 50 a 60 minutos e será orientado por vários membros da família carmelita. 🔗